

num regime político bonapartista e cuja finalidade é a manutenção do nexu colonial e autocrático. Não deixa de ser frustrante, porém, o fato do livro de Antonio Carlos Mazzeo se deter cronologicamente no período imediatamente posterior à formação do Estado brasilei-

ro, ainda na primeira metade do século XIX. Essa observação talvez sugira que o título original do trabalho que se referia à gênese da autocracia burguesa no Brasil fosse mais condizente com o conteúdo, do que o nome estampado na capa do livro.

Raul K. M. Carrion e Paulo G. Fagundes Vizentini (orgs.)

Globalização, neoliberalismo, privatizações. Quem decide este jogo?
Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Prefeitura de Porto Alegre/Cedesp/RS
Mauricio C. Coutinho (Professor do Instituto de Economia da Unicamp.)

Globalização, neoliberalismo, privatizações reúne os 22 ensaios apresentados a um seminário sobre o significado e as aplicações da moderna política liberal, realizado em Porto Alegre em julho de 1997. Além da introdução, de Paulo Vizentini, as contribuições estão agrupadas em quatro grandes áreas temáticas, sendo a primeira propriamente conceitual. As demais áreas incluem relatos de experiências nacionais liberais, uma discussão sobre aspectos das políticas liberalizantes no Brasil, além de uma apresentação específica sobre globalização e políticas agrárias.

O propósito do livro é o de propor ao leitor não especializado nos diversos aspectos das políticas liberais uma espécie de pano de fundo organizado para o entendimento das transformações do mundo moderno. E, já que globalização e neoliberalismo, em especial, constituem vocábulos-chave na argumentação ideológica contemporânea, um dos objetivos

da coletânea é o de fornecer uma espécie de antídoto ideológico de médio alcance: ilustrado e acessível a um leitor culto, politizado e sem treinamento acadêmico específico nas diversas áreas.

Embora a coletânea seja desigual — há ensaios muito bons e outros nem tanto — pode-se dizer que os objetivos dos organizadores foram cumpridos, particularmente porque as contribuições do primeiro segmento (*A globalização, o neoliberalismo e o sistema financeiro internacional*) assumem a árdua e necessária tarefa de “começar pelo princípio”, ou seja, explicar o significado de temas tão genéricos e esvaziados quanto globalização e neoliberalismo. As questões cruciais são exatamente estas: em quais aspectos a moderna globalização é distinta da velha experiência econômica internacional do capitalismo? o que de fato são políticas neoliberais? As respostas são exitosas, a meu juízo, porque os autores, ao invés de insistirem na conhecida (e verdadeira)

fórmula de que “o capitalismo sempre foi internacionalizante”, procuram discutir o significado da internacionalização ocorrida após os anos 1970, inteligível apenas se nos reportarmos às transformações no sistema financeiro internacional. Essas transformações envolvem o estabelecimento de uma nova primazia do capital financeiro internacional, a volatilidade e financeirização dos ativos e, afinal, um rearranjo da cena política e econômica internacional, com a retomada incontestada do predomínio norte-americano. Em função de tais transformações, os Estados nacionais deixaram de ter raios de manobra para a execução de políticas próprias de desenvolvimento, vendo-se, todos eles, colhidos no caldeirão financeiro das décadas de 80 e 90.

Apenas para nos reportarmos a acontecimentos próximos, fenômenos como o terremoto financeiro do Leste Asiático, a incapacidade de os países latino-americanos implementarem políticas de desenvolvimento, a fantástica convergência de políticas financeiras e sociais nos países europeus desenvolvidos, são apenas algumas das consequências da globalização. Pode-se dizer que esse é o tom dos ensaios contidos na primeira seção, o que faz com que as demais seções — que tratam de experiências nacionais ou de decorências particulares das políticas liberais — possam ser enfrentadas sem que o leitor se perca nas particularidades de cada país e de cada política.

O relato das experiências liberais é mais desigual. *Privatizações na Grã-Bretanha* é um texto bastante superficial, enquanto os textos sobre Argentina, Chile e México são bem mais robustos. O propósito de todos esses ensaios é o de mostrar que nem tudo é um mar de rosas nas políticas liberais. Os resultados

conhecidos de duas décadas de políticas liberais são o crescimento da exclusão social e podem ser considerados até mesmo modestos, sob o ponto de vista da continuidade do crescimento econômico.

Infelizmente, os relatos sobre a experiência brasileira não são tão ricos. Na verdade, também no Brasil já se poderiam hoje discutir as consequências de médio prazo das políticas liberais, sob o ponto de vista do crescimento econômico, das desigualdades sociais, da distribuição espacial do emprego e do desenvolvimento etc. Os ensaios perdem-se nas particularidades: tratam da siderurgia, da privatização da Vale do Rio Doce, das telecomunicações, do atendimento médico e previdenciário, da Amazônia, sem transcenderem o relato de experiências e fenômenos muito localizados. Além disso têm, de fato, profundidade e qualidade editorial menores.

A seção que trata das políticas agrária e agrícola na época da globalização também é menos profunda, mas ao menos se pode dizer que o tratamento é razoavelmente inovador. Afinal, a poucos ocorre associar as políticas agrária e agrícola às vicissitudes da inserção econômica internacional mais ampla. Os dois primeiros textos — de João Pedro Stédile e José Ademar Batista — assumem mais o caráter de manifestos sobre a política agrária e agrícola do governo, o que também reflete o escopo amplo do seminário.

Em suma, *Globalização, neoliberalismo, privatizações* é uma coletânea desigual, mas bem realizada. Enquanto relato de experiências em políticas neoliberais, deixa um pouco a desejar. Contudo, apoiado por uma seção conceitual bastante sólida, o leitor na certa encontrará argumentos que o deixarão

bem mais orientado no festival de chavões e na falsificação teórica da argumentação conservadora atual, que vê

a globalização, o neoliberalismo e as privatizações como uma espécie de elixir contemporâneo universal.

Daniel Aarão Reis

Uma revolução perdida. A história do socialismo soviético.

São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 1997.

João Quartim de Moraes (Professor do Departamento de Filosofia da Unicamp.)

A maior dificuldade de toda e qualquer tentativa de avaliar o significado e o alcance histórico da Revolução de Outubro e do socialismo soviético é encontrar a perspectiva crítica mais objetiva. Não basta, para tanto, deixar de lado (do lado esquerdo) a literatura espessamente apologética, e também, do outro lado (o direito), aquela produzida em escala industrial e regada a dólares pelos bem remunerados politólogos a serviço do império estadunidense. Mais insinuante mas nem por isso menos parcial é a atitude dos que, na esquerda, descartam a mais importante revolução do século e a primeira que empreendeu a transformação socialista, sob pretexto de que não foi aquele o socialismo de seus próprios sonhos. Esta posição é a mesma, com sinais trocados, que a dos ideólogos do “socialismo realmente existente” ou “Sorex”. Ambas são incapazes de compreender a dialética do programa revolucionário como concretização do caráter objetivamente contraditório da construção do socialismo. Uma porque contrapõe a realidade ao sonho. Outra, o sonho à realidade. Ambas são capengas. Mesmo porque nem o “socialismo” real se realizou como socialismo, nem o socialismo “verdadeiro” logrou sair do papel. Aque-

le, entretanto, com o desmantelamento de 1989-1991, perdeu sua única qualidade incontestável (já que se pode discutir se aquilo era ainda socialismo, mas não que existisse), a realidade.

Entre as qualidades analíticas e historiográficas do livro de Daniel Aarão Reis está a recusa destas duas unilateralidades. Mantém constante a tensão entre o movimento concreto e o programa histórico, procurando sempre analisar com objetividade cada elo do processo de construção do socialismo soviético, bem como cada impasse e cada iniciativa no sentido de superá-lo. Não sucumbe nem à tentação de justificar os fatos pelo fato de terem ocorrido, nem tampouco à de dar lições de socialismo verdadeiro ao socialismo real. Fiel ao ofício de historiador, descreve antes de explicar e explica antes de interpretar. Enfrenta, em linguagem clara e com ritmo expositivo que prende o leitor, mas sobretudo com fatos e análises que o fazem pensar, as grandes interrogações e contradições da experiência comunista do século XX. Às vezes sucumbe ao gosto (discutível) por frases de efeito, e até na tentação das fórmulas de profundidade ilusória como o reflexo das poças d’água. Assim ao caracterizar (p. 31) a

COUTINHO, Maurício. Resenha de: CARRION, Raul K. M.; VIZENTINI, Paulo G. Fagundes (orgs.) Globalização, neoliberalismo, privatizações. Quem decide este jogo?. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997. *Crítica Marxista*, São Paulo, Xamã, v.1, n.7, 1998, p.145-147.

Palavras-chave: Globalização; Neoliberalismo; Privatizações.